

“Fortalecendo e Tecendo as Nossas Redes”

Rede de Teólogas e Pastoras – Brasil, São Paulo, 28 a 30 de Julho de 2010

Pastoral das Mulheres e Justiça de Gênero do CLAI

Centro Otília Chaves – Faculdade de Teologia / UMESP

O Encontro “Fortalecendo e Tecendo as Nossas Redes” foi fruto do desejo da Pastoral das Mulheres e Justiça de Gênero do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) de realizar uma análise da realidade e das novas teologias, e de dar continuidade às articulações de teólogas e pastoras atuantes na Igreja e na sociedade, recuperando a memória histórica e refletindo aspectos empoderadores sobre questões bíblico-teológicas relevantes ao terceiro milênio no contexto continental.

A parceria entre a Pastoral das Mulheres e Justiça de Gênero do CLAI e o Centro Otília Chaves – Faculdade de Teologia / UMESP, viabilizou a realização desse evento, que teve a participação de aproximadamente 40 teólogas e pastoras das regiões do CLAI Brasil, Andina e Río de la Plata.

A solidariedade entre outras instituições ampliou as possibilidades com o apoio da Iniciativa Missionária Regional na América Latina da Divisão de Mulheres da Junta Geral de Ministérios Globais (JGMG), da Reformierte Landeskirche Aargau, da Mission 21 Evangelisches missionswerk basel, da Comunidad Teológica Evangélica de Chile e do Conselho de Igrejas Evangélicas Metodistas da América Latina e Caribe (CIEMAL).

A história das redes entre teólogas e pastoras latino-americanas e caribenhas continua, e neste presente tempo levantamos juntas nossas vozes e declaramos que:

1. Reconhecemos a existência da violência de gênero que se expressa de forma exponencial em crescentes práticas de feminicídios, trata/tráfico e exploração sexual de mulheres e crianças, bem como na ‘feminização’ da pobreza. Chamamos todos os segmentos da Igreja e da sociedade a tomar consciência, repudiar e denunciar esta realidade, combatendo as profundas dimensões de processos de omissão e conivência que são parte de nossa herança cultural colonizada. Comprometemo-nos a promover e concretizar a mudança de paradigmas, a educação de direitos e a incidência em políticas públicas e eclesiais para erradicação de todas as formas da violência de gênero.
2. Reconhecemos que as mulheres têm uma significativa produção intelectual em distintas áreas epistemológicas, também no campo da teologia, hermenêutica e do fenômeno religioso, no entanto, denunciemos a existência de um processo de invisibilização e silenciamento desse trabalho não apenas por homens, mas também por mulheres, na academia e em instituições eclesiais. Diante disso, chamamos ao reconhecimento, à valorização, à promoção e à divulgação desse saber, e nos comprometemos a tornar visível essa produção em nível pastoral, acadêmico e social.

3. Reconhecemos que a opressão sobre as mulheres está gerando uma sociedade doente. Desde a mais tenra infância há um constante decréscimo de sua auto-estima com a banalização do corpo. A coerção para um desenvolvimento precoce da sexualidade começa com a falta de consciência da própria família e permite a aceleração das influências externas. Faz-se necessário uma conscientização a partir da família, escola e Igreja, para a interrupção e mudanças deste processo, garantindo o respeito e a valorização da mulher e promovendo o conceito bíblico de saúde integral que engloba e permeia todas as relações.

4. Reconhecemos que a concentração de homens no exercício de poder e instâncias decisórias, inclusive na Igreja, é um indicador da desigualdade institucional de gênero. Chamamos as instituições a revisar a política que exclui e a criar mecanismos de inclusão das mulheres nas instâncias decisórias e implantar modelos de poder compartilhados, democráticos e transparentes.

5. Reconhecemos que a reflexão teológica libertadora a partir de hermenêuticas bíblicas feministas desvelam as relações de poder e dominação simbolizadas nos papéis sociais tradicionais de gênero culturalmente designados às mulheres e homens nos textos bíblicos. Diante disso, propomos hermenêuticas bíblicas na perspectiva da categoria relacional de gênero, que deslegitima e ‘desnaturaliza’ a violência contra as mulheres presente na tradição teológica cristã quando se impõe de forma patriarcal, androcêntrica e universalizante.

6. Reconhecemos que é necessário *refazer* a historiografia, e nos comprometemos a *fazer* memória, recordando as muitas mulheres que ousaram e tiveram papel decisivo na construção de uma nova visão de Igreja e sociedade.

7. Reconhecemos que a degradação do meio ambiente assume proporções assustadoras e acelera os riscos de desastres ambientais. Chamamos as famílias, escolas e Igrejas a tomarem posturas cotidianas e ações concretas no resgate de valores e no compromisso com a Criação e com o Reino de Deus.

8. Reconhecemos que a comunicação também reproduz modelos sociais patriarcais e abusivos, convertendo os sujeitos de ação em objetos. Convocamos à tomada de consciência e cuidado com a linguagem para a promoção da inclusão e justiça de gênero. A nova forma de comunicação inclui mulheres e homens, e é capaz de mudar as relações da sociedade, tanto no microcosmos quanto no macrocosmos.

**Na esperança solidária por justiça e vida,
reafirmamos nossa vocação teológica e pastoral.**

“As coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas.” (2Co 5, 17)

“(…) assim também andemos nós em novidade de vida.” (Rm 6, 4)
